



### 21 – Lealdade e Fidelidade – Valores a Preservar

*P. Boa noite. Passadas as Festas de Natal e de Ano Novo, a Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco regressa ao convívio com os nossos ouvintes para mais um programa da sua responsabilidade.*

*Como habitualmente, Elicídio Bilé está connosco e, neste primeiro programa de 2008, vem falar-nos de um tema sempre actual: a Lealdade e a Fidelidade nas relações entre as pessoas.*

*Pergunto-lhe:*

*- Porquê este tema no início de um novo ano?*

**R.** Muito boa noite.

Ao iniciarmos este ano de 2008, tal como fiz no último programa de 2007, desejo a todos os que nos acompanham nestas conversas, que temos mantido aqui na Rádio Portalegre, que este ano traga mais paz às nossas famílias, às nossas comunidades, ao nosso país, ao mundo inteiro e, sobretudo, venha recheado de esperança.

De acordo com este desejo sincero pareceu-me oportuno que, para início de um novo ano, falássemos de **lealdade** e de **fidelidade**. Penso que é um óptimo tema para o recomeço.

De facto, entre os valores que se têm vindo a deteriorar e a perder, estão: o dever de **lealdade** e a coragem da **fidelidade** entre os homens, mesmo no seio das famílias e dos ambientes de trabalho, das relações de amizade e de vizinhança.

- Quem não sentiu já os efeitos nefastos da falta de **lealdade**?

- Quem não se acusou já a si próprio da falta de **fidelidade** a valores e a princípios pelos quais prometeu balizar todas as acções da sua vida?

Porque esta é uma realidade que não podemos escamotear, então, como sempre tenho dito, é preciso pararmos de vez em quando, para reflectirmos, para mudarmos de rumo e retomarmos a marcha, já reconvertidos.

**P.** *Dada a afinidade entre estes dois conceitos, não seria importante começar por defini-los?*

**R.** Não gostaria de tornar esta nossa conversa em retórica filosófica quanto aos conceitos de **lealdade** e de **fidelidade** mas, de facto, convém começar por nos enquadrarmos com o significado destes termos.

Existem alguns “escritos” nos quais se pode ler:

*“É melhor pautar os relacionamentos antes pela lealdade do que pela fidelidade”*

Achei curiosa a afirmação e pesquisei as diferenças:

**Lealdade** significa ser franco e sincero, enquanto a **fidelidade** significa a exactidão no cumprimento das obrigações e em executar as promessas.

A **fidelidade**, palavra que deriva do latim, teve, na sua origem, uma conotação religiosa. Hoje, mantendo essa conotação, a palavra ganhou autonomia e aplica-se às mais diferentes áreas das relações humanas.

A **fidelidade** implica confiança recíproca e aplica-se às relações entre duas pessoas ou entre uma pessoa e o objecto da sua consideração, que pode ser abstracto ou concreto.

Por isso, ser **fiel** é um valor em si mesmo que significa: aquele que cumpre com aquilo a que ele próprio se obriga.

Ser **fiel** é ser seguro e constante, é ser amigo da verdade.

Quanto à **lealdade**, é uma atitude que implica constância, é um valor que vai muito para além do servilismo e da idolatria:

A **lealdade** implica sinceridade nas relações humanas.

Ser **leal** é ser sincero, é ser franco e honesto. Aquele que é **leal** não falta às promessas que faz.

No fundo, ser **leal** implica ser **fiel**. E, aqui, os dois conceitos tocam-se.

**P.** *Está feita a explicação. Pergunto-lhe agora, em sentido prático, quais as implicações que tem, hoje, a eficácia ou a ineficácia destes valores nas relações humanas?*

**R.** Essa é uma questão vastíssima, porque é transversal à vida das pessoas e às relações entre as pessoas e os povos. A **lealdade** e a **fidelidade** passam pela relação conjugal e familiar, pela cultura, pela geografia política e pelas finanças, pelas relações laborais, pela definição da carreira profissional e pela manutenção do emprego.

Por exemplo:

- Quem contrai matrimónio quer **fidelidade** ou **lealdade**? O que é mais importante no casamento?

Num inquérito publicado as opiniões dividiram-se, mas chegou-se à seguinte conclusão:

- O mais importante não é ser **fiel**, mas ser **leal**. Uma pessoa pode ser **fiel** e não ser **leal** e vice-versa.

Mas, situando-nos nos aspectos mais práticos, como me pediu, fixemo-nos, em primeiro lugar, nas relações laborais, na manutenção do emprego e na definição da carreira profissional, sobretudo dos mais jovens que terminaram o seu percurso académico.

Como sabemos, vivemos uma época de competição, eu diria que vivemos numa competição desenfreada que está a transformar o mercado de

trabalho numa batalha sem tréguas numa luta onde vale tudo e o que conta é o “salve-se quem puder”.

- Onde fica a **lealdade**?

É a pergunta que muitos fazem.

Para mim, a **lealdade** é, e continua a ser, um requisito essencial para consolidar uma relação de benefícios mútuos entre o trabalhador e a sua entidade patronal. Este é um ponto forte para a empregabilidade do trabalhador e é fundamental para a competitividade da empresa.

**P.** *Mas não se corre o risco do trabalhador se tornar submisso à entidade patronal, para manter o emprego?*

**R.** Não. O que se exige não é uma obediência cega. Antes pelo contrário. Como já referi, a **lealdade** implica verdade, sinceridade, por isso exige-se que o trabalhador esteja comprometido com os objectivos da instituição ou da organização, o que implica saber dizer “não” e discordar muitas vezes. A este propósito, o consultor americano Tom Peters, num artigo publicado na revista “*Fast Company*” afirma:

*“Hoje, a lealdade é a única coisa que importa. Não falo da lealdade cega para com a empresa. Mas lealdade com os colegas, com a equipa, com os seus projectos, com os clientes e consigo mesmo”*

Isto significa que o trabalhador **leal** compreende a missão da empresa e dá o melhor de si próprio para que ela cumpra as metas a que se propôs. O trabalhador é **leal** quando fala a verdade e não tem medo de assumir as suas posições por receio de perder o emprego.

É que, trabalhadores e empresários, são parceiros num projecto comum. Para tal, os empregadores oferecem contratos de trabalho com benefícios

mútuos; respeitando e valorizando a pessoa; desenvolvendo políticas de benefícios baseadas no mérito e recompensando os resultados.

Em contrapartida, ao trabalhador exige-se **fidelidade** aos compromissos assumidos e **lealdade**, mesmo nos momentos mais difíceis da sua actividade laboral.

Neste campo das relações laborais, na definição da carreira profissional e na preocupação em manter o emprego, a **lealdade** deve ser a “pedra de toque” nas relações entre as partes.

A falta de **lealdade** manifesta-se, por exemplo, quando ao cessar um contrato de trabalho, o trabalhador não reconhece os benefícios que recebeu, quer no acolhimento à chegada, quer durante a integração na cultura da empresa, quer no final do contrato, e abandona a casa que o recebeu, sem uma palavra de despedida ou de reconhecimento.

A verdade é que as pessoas são apreciadas por aquilo que realmente são e não por aquilo que julgam ser ou gostariam de ser.

**P.** *Está a dizer-nos que a lealdade não é uma atitude fácil?*

**R.** A **lealdade**, tal como a **fidelidade**, não são virtudes fáceis, nem dependem de emoções ou de sentimentos.

A **lealdade** implica alguma reflexão: é necessário reconhecer, em primeiro lugar que somos pessoa, que somos sociáveis e que temos necessidade de melhorarmos e crescermos ao longo de toda a vida para ajudarmos os outros, também, a melhorar e a crescer.

O filósofo Séneca, que morreu em Roma no ano 66, afirmava convictamente:

*“A lealdade é o bem mais sagrado do coração humano”*

Infelizmente, nos nossos dias, dificilmente sentimos este nobre valor reflectido nas atitudes de muitos responsáveis pelos destinos dos povos.

**P.** *Está a referir-se à actividade política?*

**R.** Exactamente. Depois de termos analisado a questão da **lealdade** e da **fidelidade** à luz das relações laborais, podemos lançar agora um olhar sobre a **lealdade** na actividade política.

Penso que, neste campo, é mais fácil entender o alcance do tema desta nossa conversa.

Quando os partidos políticos se apresentam ao eleitorado para sufragar a suas propostas para a governação do país, a maioria presume que essas propostas serão para cumprir e depositam o voto nas urnas.

Depois, o partido que mereceu a confiança popular é indigitado pelo senhor Presidente da República para formar governo e gerir o país de acordo com o programa de governo que submeteu a sufrágio.

Logo, a primeira exigência, de acordo com a ética política, deveria ser a **fidelidade** a esse programa e a **lealdade** para com o povo que o elegeu.

- Mas, o que acontece logo após a tomada de posse?

Constitui-se um governo com as figuras da facção partidária mais próxima do 1.º ministro indigitado ou das suas amizades pessoais, sem ter em conta o perfil mais adequado para as funções. Depois, altera-se a nomenclatura dos ministérios que vinham de governos anteriores e a seguir gasta-se o primeiro ano a definir a lei orgânica dos respectivos ministérios para que estes possam, finalmente, funcionar. Entretanto, como passou todo este tempo, esquecem-se as promessas eleitorais e lá vai a **fidelidade** às mesmas e a **lealdade** para com os cidadãos.

Com o início da governação, a sério, um ano depois, os 150.000 novos postos de trabalho prometidos, transformam-se num acréscimo de desempregados. Dois anos depois, a taxa de desemprego sobe para 8,2%;

4.000 empresas declaram falência só no último ano. Entram no país 30.762 cidadãos estrangeiros com autorização de residência – 1 em cada 5 têm formação superior. Mas, no fim do ano, só 1 em cada 30 consegue emprego compatível com as habilitações académicas ou profissionais que possui.

Entretanto a aposta na segurança, que consta do programa sufragado, traduz-se num aumento da criminalidade violenta. Apesar dos desmentidos, só nos últimos meses houve 5 homicídios na cidade do Porto entre frequentadores e operacionais da noite, naquela cidade.

E na educação, uma aposta que se dizia para ganhar, para além de alguns indicadores positivos, 500.000 alunos saíram da escola apenas com o 9.º ano de escolaridade. E no ensino básico, só no ano que agora terminou, foram encerradas mais de 9.000 escolas.

- Onde?

No interior do país.

- Em nome de quê?

- Da **fidelidade** para com as populações do interior desertificado?

- Dos custos da interioridade que o governo centralizador não quer suportar?

E quanto à política de saúde, tão arduamente defendida pelo detentor da pasta, o panorama é o seguinte:

Fecharam as maternidades e as crianças passaram a nascer nas ambulâncias ou em Espanha.

- Quais crianças?

As do interior do país e das zonas de fronteira.

Depois fecham-se os SAP (Serviços de Atendimento Permanente).

- Onde?

Nas regiões menos populosas, onde os governos não investem, e se gera menos riqueza.

De seguida encerram-se as urgências hospitalares.

- Para quê?

Para prestar melhores cuidados de saúde.

- Mas que cuidados de saúde?

- Os do Serviço Nacional de Saúde?

- E onde está o Serviço Nacional de Saúde criado, um dia, por um governo do Partido Socialista?

- Mas este governo não é, também, do Partido Socialista?

- Ai é?

**P.** *Quer dizer que é na política que se vê como maior clareza a dificuldade em assumir a lealdade?*

**R.** Fazer política é um acto nobre, quando feita com ética. E não se pode generalizar a falta de ética em todos os actos políticos. Mas a verdade é que há muita falta de **lealdade** na forma como se faz e como se transmite. Sejamos francos.

- Porque não se usa de **lealdade** e se diz ao país real que o mais importante é conter o deficit orçamental, que a economia é mais importante que o bem-estar das pessoas, que o dinheiro é o verdadeiro poder?

Na verdade, os orçamentos não deverão ser selectivos, redistribuindo a riqueza em função de prioridades?

- Porque não se promove o investimento no interior do país?

- Porque não hão-de ter os mesmos direitos à saúde, à educação e ao bem-estar, as populações pobres do interior em pé de igualdade com as mais ricas das zonas do litoral e das zonas urbanas?

- Porque não partilhar sacrifícios para manter serviços sociais, ainda que deficitários, no interior pobre do país?



- Porque se procura a diminuição do deficit à custa da receita aumentada, retirada às pessoas portadoras de deficiência, aos idosos que já não podem estar no activo, ao aniquilamento de uma chamada classe média que tem suportado todas as crises?
- Há **lealdade** na atribuição de altíssimos salários a gestores, por vezes superiores aos praticados nos restantes países da União Europeia, em comparação com o salário médio dos restantes trabalhadores portugueses que auferem salários muito menores do que os dos restantes países da União?
- Porque se mantêm as regalias financeiras e tributárias aos detentores do capital, à banca e aos grupos económicos?
- Não são eles que poderiam ajudar a colmatar ou a erradicar a crise?
- Porque não acabam os gastos sumptuosos em infra-estruturas que, tendo em conta a crise, só servem para imitar os países mais desenvolvidos economicamente?
- Quer mais exemplos da falta de **lealdade** e de **fidelidade** a valores e a princípios?

**P.** *Como estamos aqui em nome da Cáritas Diocesana que age em fidelidade para com a Igreja, para com o Evangelho e para com a sua Doutrina Social, atrevo-me a perguntar-lhe:*

*- Como se manifesta a fidelidade à Igreja por parte dos fiéis, assim chamados?*

**R.** O primeiro sinal de **lealdade** do Cristão começa por cada um dos cristãos ser verdadeiro em relação ao que há de melhor em si próprio. Todos somos filhos de Deus e todo o Cristão foi marcado com o sinal do Seu Espírito Santo ao receber o baptismo. Como tal, cada um dos baptizados é portador da autoridade divina.

O que acontece é que vivemos num mundo repleto de solicitações onde não está Deus. Podemos dizer que existe no mundo um poder vazio de Deus que constantemente nos tenta atrair e nos convida a partilhar coisas incompatíveis com o “ser cristão”.

De facto hoje começa a existir muita indiferença. Alguns cristãos começam a dizer: “A Igreja não pode condicionar-me”; “A Igreja não pode dizer-me como devo agir a este ou aquele propósito ou como devo viver a minha vida”.

Esta é a mentira que atormenta muitos dos menos atentos porque, na realidade, a Igreja não é dirigista, a Igreja aponta caminhos e convida cada um a viver segundo o Evangelho de Jesus Cristo. Não dita regras, mas aconselha e espera **lealdade** e **fidelidade** daqueles que foram chamados a ser seus membros e que, voluntariamente, aderiram.

Por isso, como vê, também não é fácil ser **fiel** à Igreja, num mundo cego de competição.

***P.** E uma última palavra para terminar, já que, como habitualmente, esgotámos o tempo de que dispúnhamos.*

**R.** É verdade. Há temas que pela sua dimensão, nos entusiasma e é difícil sintetizá-los.

Então, para terminar, fica o meu apelo para estarmos atentos a estes dois valores, ou se quisermos, estas duas virtudes, que são a base de uma convivência salutar.

Não quis fazer demagogia com os exemplos que fui dando, nem procurei fazer qualquer tipo de moralismo mas, na sequência do que tem sido a nossa intervenção neste espaço, quis apenas trazer à reflexão mais esta preocupação no sentido de contribuir para melhorar o mundo em que

vivemos, para ser **leal** para com os meus concidadãos e ser **fiel** para com todos aqueles que nos escutam e se habituaram à minha frontalidade.

Muito boa noite.

**P.** *Obrigado pela comunicação. Tratou-se de um tema que é polémico, mas que deve ser enfrentado com regularidade.*

*Assim nos despedimos dos nossos ouvintes até ao próximo programa.*

*Muito boa noite.*

Portalegre, 9 de Janeiro de 2008

Elicídio Bilé